SENHORES:

Voltam-se hoje vivamente para a Africa as attenções e os esforços do mundo scientifico. Os trabalhos isolados de muitos exploradores intrepidos, que teem percorrido o interior d'aquelle vasto continente, não só no intuito de o revelar á sciencia, mas tambem de espalhar n'essas regiões selvagens os beneficios da civilisação, despertaram a sympathia e o enthusiasmo da Europa, que está considerando as explorações africanas como umas verdadeiras cruzadas da civilisação e da sciencia. Procura-se o berço do Nilo e do Zaire como se demandava outr'ora o tumulo de Christo. Os novos cruzados levam tambem ao hombro a cruz vermelha, symbolo não como outr'ora, nos tempos de Pedro o Eremita, de devastação e de morte, mas de sacrificio e de beneficencia. A cruz vermelha, estampada nas bandeiras das legiões occidentaes que iam para a conquista da Terra Santa, era o terror de amigos e de inimigos; fechavam-se diante d'esse signal sinistro as portas das cidades turcas e as das cidades christãs; lamentava Constantinopla tel-a acolhido; deplorava a Bulgaria tel-a saudado com affecto; defendia-se a Hungria contra as hordas selvagens que passavam no seu solo

7*

como devastadora torrente; e nas cidades mahometanas mulheres e creanças tremiam de pavor, quando tingiam o horisonte, como uma aurora de sangue, os reflexos das cruzes vermelhas dos peregrinos armados. Hoje a cruz vermelha, no meio dos horrores da guerra, é o symbolo do carinho e da paz. Onde ella surge, surge tambem a trégua de Deus. Dos muros que protege desviam-se as balas exterminadoras. Quando assoma, inimigos e amigos, feridos, moribundos, erguem para ella as mãos supplicantes e os olhos cheios de lagrimas de gratidão e de esperança. Entre a procella das batalhas, passa como o lábaro da caridade. Não apparece como a cruz legendaria de Ourique, na vespera da batalha, a aconselhar o exterminio e a carnificina, apparece como a signa da consolação e da vida. Não vae na frente das hostes, como o crucifixo dos fanaticos, a incitar os soldados, vae na sua rectaguarda para levantar os feridos. Hoje nas margens do Danubio, na Bulgaria, nos territorios atravessados outr'ora pela migração dos cruzados, tremúla outra vez a cruz vermelha, mas não leva comsigo o terror, como nos tempos sinistros da idade média. Esta, a cruz vermelha das ambulancias, é que é a cruz de Christo, a outra, a de Pedro o Eremita, seria talvez a cruz do mau ladrão.

Não julgueis, senhores, que me afasto, por uma digressão intempestiva, do assumpto da minha conferencia. É que assim como a cruz vermelha tomou hoje uma significação mais evangelica do que a que tinha no tempo de Godofredo de Bouillon, de S. Bernardo e do proprio S. Luiz, tambem os modernos cruzados da sciencia, os missionarios da civilisação, se mostram bem mais christãos do que os devotos peregrinos que iam, nas cruzadas de outr'ora, visitar o sepulchro de Jesus. Estes são os conquistadores pacificos da sciencia, são os missionarios da emancipação e da liberdade do homem. Não vão para combater as tribus africanas, como iam os cruzados para combater as tribus orientaes; não vão escravisar os negros, como os templarios e os hospitalarios, esses monges-soldados, sem escrupulo escravisavam os subditos de Saladino. Vão pelo contrario combater a escravatura, e levar aos nos-

sos miseros irmãos, que o desconhecem, o codigo da dignidade humana. Sejam quaes forem as injustas apreciações que um excesso de zelo dictou a muitos d'esses viajantes com respeito á acção portugueza no continente africano, nem por isso deixaremos de prestar homenagem aos nobres intuitos e aos santos emprehendimentos dos Livingstones, dos Camerons, dos Bartles Frères, dos Moffats, dos Gordons, de todos emfim que pugnam e teem pugnado na Africa pela abolição da escravatura. Honremol-os pela sua dedicação scientifica, honremol-os tambem pelos seus intuitos humanitarios!

Mas, no momento em que uma febre, semelhante á febre das cruzadas, se apodera na Europa de todos os homens illustrados, e dirige para o continente africano a attenção de todas as sociedades scientificas; quando em todos os paizes, até nos que mais estranhos se conservaram sempre ao movimento geographico, se organisam á porfia expedições que tentem desvendar alguns dos mysterios d'esse vasto continente, ainda quasi desconhecido nos seus mais intimos recessos; quando o rei dos belgas, movido pelo sagrado enthusiasmo da sciencia, funda e protege uma associação internacional destinada especialmente a desenvolver os descobrimentos africanos; quando em toda a parte se prestam culto e honras aos audaciosos exploradores que lustraram os sertões mais invios da Africa central; quando a Inglaterra erige estatuas a Livingstone; quando em todas as cidades civilisadas é acolhido com applauso e ouvido com respeito Cameron, o perseverante e intrepido investigador; quando a Allemanha se gloría dos seus Barth e Nactigall; quando a França aponta com ufania o seu Du Chaillu e toma lucto pela morte de um dos seus mais esperançosos exploradores, o marquez de Compiègne; quando a Italia segue com o seu applauso e os seus votos a expedição africana do marquez de Antivari, é justo que nós tambem reivindiquemos o largo quinhão de gloria que nos cabe n'estas explorações, hoje tanto e tão justamente apregoadas, e que, sem entendermos que as glorias do passado nos dispensam do trabalho presente, nem por fórma alguma menosprezarmos os importantes serviços dos modernos ex-

ploradores, mostremos que fomos nós que desbastámos á larga esse vasto campo de exploração, deixando aos que vieram depois de nós a gloria, seguramente secundaria, de completar os nossos descobrimenetos, de percorrer os atalhos que não tivemos tempo de sondar, nós que iamos abrindo, com a prôa das nossas caravelas, ao longo da costa africana, até á India resplandecente, a ampla estrada real da civilisação e da sciencia.

Somos accusados, nós os portuguezes, de nos deixarmos embalar pelas recordações das nossas glorias antigas, de fallarmos sempre com orgulho no passado, e de nos consolarmos com essas vaidades puerís da nossa nullidade presente, da nossa inercia, e da indifferença com que hoje seguimos o movimento scientifico. Zombam não só escriptores estrangeiros, mas tambem escriptores nacionaes, d'essa tendencia que manifestamos para apregoar a cada instante os feitos heroicos de nossos avós, que tanto contrastam com a nossa decadencia e com a nossa fraquesa actual.

Não desconheço a existencia d'essa vaidade patriotica, ainda que não posso conceder que seja privativa do nosso paiz, e que não pertença em geral a todos os povos, que sempre se ufanam dos seus pergaminhos. É certo porém que, apregoando sem cessar a nossa heraldica nacional, esquecemo-nos de justificar o motto de todas as velhas aristocracias: *Noblesse oblige*, e que não só, como fidalgos pobres e ociosos, nos limitamos a apontar para o brazão da nossa casa, sem nos darmos ao trabalho de o honrar com os nossos feitos, mas que até esse mesmo brazão o deixamos ir-se delindo e ennegrecendo, sem que façamos esforços para o conservar em todo o seu esplendor, já honrando a memoria dos nossos grandes homens, já conservando preciosamente os monumentos que attestam a sua grandeza, já estudando com zelo e narrando com esmero a historia das suas façanhas. Reconheço a justiça de todas essas censuras, e sou o primeiro a sentir o ridiculo das ôcas declamações com que a cada instante rememoramos, repetindo pela millesima vez generalidades vagas, as heroicidades do nosso passado. Mas justo é que digamos tambem que nenhum outro povo

tem mais razão para protestar contra o iniquo esquecimento a que foi votado pelo estrangeiro. Não somos nós o unico paiz, grande outr'ora e depois caído em rapida decadencia. Veneza foi a rainha dos mares, depois perdeu a corôa e o sceptro, gemeu escrava, e hoje, livre e resurgida, é comtudo apenas uma obscura cidade do vasto reino italiano. Mas a piedade da Europa votou ás suas ruinas o culto e o respeito. Byron, que só teve para nós palavras de desprezo, foi suspirar nos seus caes melancolicos e desertos a elegia da sua passada gloria. A Hollanda, que de nós herdou o sceptro dos mares como nós o herdámos de Veneza, viu tambem o seu imperio colonial desmoronar-se aos golpes repetidos do ariete britannico, mas a historia respeitosa e justa celebrou sempre a gloria de seus filhos, e os nomes dos seus Tromp e dos seus Ruyter estão na boca de todos associados aos nomes illustres de Drake e de Nelson. Só nós tivemos o estranho infortunio de ser olvidados e menosprezados pela Europa, só nós tivemos a humilhação e o escarneo, só nós desapparecemos quasi completamente da memoria dos povos, só nós nos submergimos de subito e inexplicavelmente no mar do esquecimento, e, se a nossa gloria tem no mundo alguns eccos, é porque d'esse estranho naufragio em que sossobrou uma nação inteira, com as suas chronicas maravilhosas, com os seus nobres pergaminhos, escapou, como escapára já de outro naufragio nas ondas do Oceano Indico, um livro, que era ao menos por fortuna o Evangelho da nossa gloria, o livro sagrado de Portugal—o immortal poema de Camões.

Houve um momento seguramente em que a nossa fama ecceou em toda a Europa, em que os nossos feitos foram apregoados, traduzidas as relações dos nossos viajantes, ouvida com admiração a narrativa dos nossos descobrimentos. Dos mais remotos paizes da Europa vinham os mais illustres estrangeiros solicitar um logar a bordo das nossas caravelas; o sueco Valarte, o allemão Balthazar, o veneziano Cadamosto, o genovez Antonio Usodimare, acudiram, logo nos primeiros tempos das nossas navegações, enthusiasmados com as noticias que dos nossos feitos tinham chegado ás suas ter-

ras nataes—e grande devia ser o assombro causado em toda a Europa para que tão promptamente se espalhasse em tão remotas regiões, e em época tão pouco sociavel, a fama dos emprehendimentos portuguezes—acudiram a pedir um logar nos nossos navios, um quinhão nas nossas aventuras. Os mais illustres homens de sciencia d'essa época vinham procurar o ensino dos nossos cosmographos, e as lições dos nossos pilotos, como hoje se póde ir procurar aos grandes centros scientificos de França ou de Allemanha a instrucção, que ahi se colhe da boca de sapientissimos professores. Martim de Behaim, o primeiro astronomo do seu tempo, veiu estabelecer-se na nossa côrte, e fixou depois nos Açores a sua vida estudiosa; Christovão Colombo na ilha da Madeira cultivou com o trato e com as lições dos pilotos portuguezes o seu genio predestinado a dar um mundo novo á Hespanha, á Europa e á civilisação; Americo Vespucio, que devia dar o seu nome a esse mundo novo, a bordo dos navios portuguezes serviu e praticou; a cartographia européa aos nossos mareantes pediu as indicações que lhe deviam servir para rectificar nos mappas as linhas caprichosas, conjecturaes e erradas de Ptolomeu, e para encher com os dados positivos dos navegantes o vasto espaço em branco, que attestava nas cartas da Africa a ignorancia dos antigos; e tanto assim era que, se todas as chronicas dos nossos descobrimentos houvessem desapparecido, nos atlas e nos portulanos da edade média se podia seguir passo a passo a carreira dos nossos navegadores, porque o lapis dos cartographos acompanha de anno para anno nos mappas europeus e progresso das nossas quilhas nos mares africanos. Pois bem! esta surpresa unanime da Europa, ao ter conhecimento da nossa feliz audacia, esta homenagem espontanea prestada aos nossos pilotos pelos sabios estrangeiros que entre nós vem seguir o caminhar da geographia, a anciedade com que procuram servir nas nossas caravelas os homens que em toda a Europa sentem os incitamentos do espirito aventuroso, os documentos irrefragaveis da cartographia, o reconhecimento por todos os governos europeus do nosso direito de prioridade, que implicava n'essa época o di-

reito importantissimo do monopolio do commercio e do exclusivo da navegação, o tacito assentimento dado pelos poderosos monarchas da França ás bullas pontificias que nos conferiam a posse e o padroado de todos esses vastos territorios, nada d'isso impediu que no seculo XVII, o seculo das falsificações historicas, um ignorado escriptor francez, Villaut de Bellefonds, sem criterio, sem conhecimentos geographicos, sem se dar ao menos ao trabalho de forjar um documento em que fundamentasse o seu dito, se lembrasse de inventar uma supposta prioridade dos normandos, que, segundo parece, navegando costa a costa no seculo XIII, de subito no seculo XIV foram direitos á Costa da Mina, como podia ir hoje um paquete da companhia *British African*, para voltarem no seculo XV á timida rotina das navegações costeiras. Senhores, esta asserção estulta, apenas uma ou outra vez aproveitada timidamente por alguns patriotas francezes, foi não direi refutada mas esmagada com uma catadupa de provas pelo nosso illustre e sapientissimo compatriota, o fallecido visconde de Santarem. Houve em época recentissima outro escriptor francez, que pretendeu levantar de novo a asserção de Villaut, e que se lembrou para isso de forjar um documento, cujo original nunca se encontrou, pela excellente razão de não existir. Saíu a refutal-o um sabio estrangeiro, a quem Portugal deve o mais profundo reconhecimento e o mais entranhado affecto, o sr. Ricardo Henrique Major, auctor do livro mais notavel que n'este seculo se escreveu lá fóra sobre coisas portuguezas. Esse, com o seu tranquillo fleugma britannico, perseguiu por tal fórma o desventurado francez, desalojou-o tão implacavelmente de reducto em reducto, que a prioridade normanda, o documento que a provava, o navegador João Prunaut que fazia descobrimentos em segredo, e todo o estendal de mentiras que se traziam a lume, bateram em vergonhosa retirada, e foram desde logo sepultadas em merecido esquecimento.

Mas nada d'isso nos consola de que um dos mais brilhantes escriptores francezes d'este seculo, o vidente da historia, que reconstituiu o viver e crer das gerações extinctas com a sua intuição

potente, que galvanisou o cadáver do povo adormecido nas cryptas obscuras e o trouxe á luz do mundo actual para contar aos homens modernos os seus padecimentos, as suas luctas, e as suas deslembradas glorias, o historiador que tinha mais fundamente arraigado no peito o sentimento innato da justiça, Michelet, acceitasse levianamente, e por uma acanhada inspiração de vaidade nacional tão contraria á sua indole, a phantasia das navegações normandas, e dissesse desdenhosamente: Nada fizeram de extraordinario os portuguezes levando um seculo a costear a Africa; em menos tempo os nossos normandos a descobriram! De fórma que, para que seja completo o nosso infortunio, foi um dos chefes da moderna escola historica, da que se não contenta com as tradições e lendas patrioticas, e vae pedir ao documento imparcial, á investigação desapaixonada, ao severo raciocinio o conhecimento dos factos, foi um d'aquelles que fizeram do culto austero da verdade a lei suprema da historia, e que lhe arrancaram, sem piedade, todas as lendas heraldicas, todas as ficções vaidosas, o mesmo que, abandonando a imparcialidade dos seus methodos, acceitou uma versão, contraria a todos os documentos, desmentida irrefragavelmente por todos, insustentavel no campo do raciocinio, só porque acariciava a pequenina vaidade de uma provincia franceza, e accrescentava a esplendida corôa de gloria que cinge a fronte da França com uma joia impudentemente roubada ao diadema de um pequeno paiz.

E comtudo sabeis, senhores, em que se baseia essa lenda das viagens normandas, nunca referidas antes do livro de Villaut de Bellefonds? Em documentos, que se não sabe quaes são, de que não ha o minimo vestigio, e que arderam, dizem os novelleiros francezes, no incendio dos archivos de Rouen, documentos que ainda assim nem o proprio Villaut de Bellefonds chegou nunca a ver; n'outro publicado por um escriptor moderno, mr. Margry, que elle mesmo não sabe nem quem lh'o deu, nem onde está; na existencia de uns marfins levados da costa d'Africa para Dieppe, mas que tambem desappareceram; e mr. Major nota com fina ironia, que estes heroicos navegador esnormandos tão infelizes foram, que

não só dos seus feitos não dão noticia as chrónicas do seu paiz, nem um só escriptor coevo, mas que até as unicas bases em que se firmam tão mysteriosas navegações são ou archivos que ardem, ou documentos que se não encontram, ou marfins que desapparecem! E vêde ainda que singular contraste! Apenas dobramos o cabo Bojador, a fama das nossas descobertas vôa aos confins do mundo conhecido, os geographos tratam de as aproveitar no aperfeiçoamento dos seus mappas, um chronista portuguez consagra-lhes expressamente um livro em paiz tão descuidoso da sua gloria... os descobrimentos da França, d'esse povo que teve sempre o magico dom de fixar em si as attenções de todo o mundo, d'esse paiz cuja lingua, cuja historia, cuja litteratura eram na edade média, tanto pelo menos como na actualidade, dominantes na Europa, os descobrimentos da França, passam completamente despercebidos, não só não teem um chronista que os refira, mas nenhum dos escriptores contemporaneos se occupa de semelhantes façanhas. Pasmosa indifferença que contrasta com a attenção prestada ás nossas tentativas!

Outro argumento não menos curioso, e que prova a singular leviandade com que Villaut escrevia, é o que elle deriva da palavra *malagueta* empregada pelos pretos para designar *pimenta*. «Chamam-lhe *malagueta* como os francezes e não *cestos* como os portuguezes.» Villaut imaginava que a palavra *cestos* em portuguez queria dizer *pimenta!*

E são estes os argumentos que bastaram a Michelet para nos tirar com um rasgo da sua penna de oiro tão nobre e tão justa gloria! São estes os argumentos que bastaram a Avezac e a Vitet para lisongear frivolas e absurdas vaidades nacionaes! Não tem direito de nos accusar de relembrarmos constantemente glorias incontestaveis, quem não tem o desassombro de arrancar dos hombros da sua patria o ouropel d'estas glorias mentidas e pueris.

Mas, senhores, vae ainda mais longe a injustiça, e chega a tocar extremos verdadeiramente inacreditaveis. As cartas geographicas, onde, antes das descobertas portuguezas, figuravam ape-

nas na parte relativa á Africa, linhas confusas, incertas, puramente conjecturaes e vastos espaços em branco, foram-se enriquecendo graças ás nossas navegações. Á medida que ellas proseguiam, ia proseguindo tambem nos mappas o desenho da costa africana. Appareciam os rios, as enseadas, os promontorios, com os nomes que lhes eram dados, como de razão, pelos pilotos que os descobriam. Tanto assim era, que n'esses mappas da meia edade, em que os cartographos se não limitavam a traçar os signaes geographicos, mas em que punham tambem desenhos de figuras, de emblemas, de arvoredos, figuraram por muito tempo n'um dos pontos da costa da Senegambia os desenhos de umas palmeiras, que um dos nossos navegadores, Diniz Dias, tomara para ponto de reparo. Então acceitavam os cartographos estrangeiros humildemente as indicações dos nossos pilotos, copiavam servilmente os esboços dos mestres das nossas caravellas.—Aqui está um cabo a que chamei cabo dos Ruivos—e o cartographo estrangeiro marcava o promontorio designado, e escrevia «cabo dos Ruivos.»—Aqui ha um ponto a que não dei nome, mas que de longe distingo e reconheço por um pequeno bosque de palmeiras—e o cartographo estrangeiro desenhava umas palmeiras. E os Ramusios vinham implorar soffregamente dos pilotos portuguezes as relações das suas viagens, impressas ou manuscriptas, para as traduzirem ou publicarem. Mas passou o tempo. Á força de lhes ensinarmos o caminho e de lh'o indicarmos nos mappas, começaram tambem os estrangeiros a poder percorrer esses mares que só nós sulcáramos durante um seculo. Veiu depois a decadencia, veiu esse esquecimento inexplicavel, esse desprezo injusto, e começou-se então a praticar um acto verdadeiramente indigno. Começaram-se a apagar nos mappas os nomes portuguezes e a substituil-os por nomes estrangeiros. Parecia que tiravam a marca para facilitar o roubo. Senhores, esses nomes que desappareciam eram os nomes impostos pelos descobridores, eram os nomes que elles tinham ensinado á Europa, eram o attestado da sua gloria, a recompensa das suas fadigas, o direito incontestavel da sua audacia. Esse nome

foi muitas vezes escripto com o sangue dos heroicos navegadores, esse nome com a sua desinencia meridional era a bandeira portugueza plantada por mãos patrioticas na terra virgem que descobriam, e que assignalava uma conquista, já não digo no campo da politica sujeito ás eventualidades das luctas humanas, mas no campo austero e inviolavel da sciencia. E apagou-se esse nome sagrado para se lhe escrever por cima um nome banal sem significação nem sentido! Raspou-se a inscripção traçada por mãos trémulas do sagrado jubilo do explorador scientifico, para se lhe pôr o rotulo innescio de qualquer *torista* inglez que viaja commodamente no camarote de uma boa e solida fragata, cujo commandante vae munido de um itinerario minucioso, em que os recifes e os baixios se póde dizer que estão ainda tintos de sangue portuguez.

Senhores, entre as pessoas que me escutam ou me hão de lêr, ha marinheiros de certo, homens que sabem como são fortes e respeitados esses laços de uma fraternidade sublime, que ligam entre si todos os homens do mar. Quando, longe da terra, isolados, entre a agua e o ceo, embalados pelo balanço do navio, vêem de repente boiar na crista das vagas, pequena navegadora aventurosa, uma garrafa; quando, deitado o escaler ao mar, trazida a garrafa para bordo, se quebra piedosamente o lacre, e se encontra um papel enrolado, que encerra o testamento de um naufrago, testamento deixado por elle aos seus irmãos nos perigos, e aos seus irmãos na sciencia, testamento que traz a indicação do banco de areia desconhecido onde se perdeu o navio, a designação de uma nova terra encontrada ás vezes nas gelidas solidões do norte pelos infelizes que dormem sob a liquida mortalha, e que não podem voltar á patria, a levar-lhe a noticia do seu descobrimento, e a colher a justa gloria devida á sua audacia . . . qual é a fronte que se não descobre, quaes são os olhos que se não humedecem, qual é o coração que não pulsa de nobre sympathia pelo camarada, cujo cadaver não póde dormir tranquillo no cemiterio da sua aldeia? E que dirieis do marinheiro, que, em vez de respeitar esse testamento sagrado, rasgasse desapiedadamente o papel a que o naufrago con-

fiou o lustre do seu nome, e condemnasse a perpetuo esquecimento aquelle que tivera confiança na fraternidade dos homens do mar? Senhores, foi esta iniquidade a que estranhos marinheiros com os nossos praticaram. Tambem estes naufragaram nos mil desconhecidos bancos dos novos mares que cruzavam, lançaram á tona d'agua, encerrado em fragil garrafa, com destino á posteridede, o seu testamento scientifico. Tambem elles, ao despedaçar-se nos recifes, soltaram antes de morrer o grito de álerta e de aviso aos futuros navegadores. E estes vieram, aproveitaram o legado mas rasgaram o testamento, copiaram a indicação, mas sumiram o papel e quebraram a garrafa, praticaram emfim o acto que mais póde repugnar a um marinheiro, trair a confiança que os seus irmãos tinham depositado na sua lealdade; e não reparavam que muitas vezes, apagando no mappa geographico o nome imposto pelo descobridor, commettiam mais do que um plagiato, praticavam um sacrilegio, não roubavam só uma gloria, iam profanar um tumulo.

Um dos nossos mais intelligentes officiaes de marinha, fallecido ha annos, e que honrava esse nome de Castilho, que tantas vezes se encontra repetido no livro de oiro das nossas glorias, o auctor da *Descripção e roteiro da Africa Occidental*, entregou-se ao improbo trabalho de restituir aos pontos descobertos pelos portuguezes os nomes hoje substituidos caprichosamente pelo arbitrio dos estrangeiros. Ha factos verdadeiramente odiosos. Uma angra, situada para além do Cabo Bojador, descoberta por Gil Eanes em 1435, logo depois de iniciada a era dos descobrimentos com a passagem do celebre e como que enfeitiçado cabo, denomina-se hoje *Ponta Leven*, porque em 1835 um navio inglez chamado *Leven* ali andou empregado em estudos hydrographicos! Um promontorio de Guiné, descoberto logo depois da morte do infante D. Henrique por Pedro de Cintra, e por elle denominado Cabo de Sagres, como justa homenagem prestada á memoria do infante, que devia marcar o ponto extremo a que tinham chegado por iniciativa do grande principe os descobrimentos portuguezes, e que devia lembrar ao mesmo tempo o Capitolio da nossa gloria principal, esse

cabo tambem viu apagado o seu nome, e substituido pelo de Ponta Tumba. Que diriam os inglezes, que tão promptos foram em apagar o nome de Cabo de Sagres, se ámanhã novos visitantes das margens do Nyassa arrancassem do estabelecimento que ali existe o nome de Livingstonia? Não julgariam semelhante acto uma impiedade revoltante? Não o julgariam a profanação impia de uma gloria que deve ser respeitada por todos os que trilharem d'ora avante os desertos africanos? Como se póde classificar então o arbitrario capricho de quem arranca a lamina commemorativa do nome da residencia do infante D. Henrique, para lhe substituir um rotulo banal tirado provavelmente da lingua indigena? Não praticam os sabios modernos, ao commetterem esta acção, um vandalismo tão brutal como os monges ignorantes da edade média, que nos palimpsestos apagavam os cantos da Eneida para lhes escrever por cima as suas chronicas milagreiras, e os seus insignificantes obituarios, como os geographos estrangeiros apagam nos mappas africanos, com os nomes originaes, os cantos dispersos da grande epopéa navegadora, para lhes escreverem por cima qualquer designação banal?

Pois os marinheiros mais do que nenhuns outros deveriam respeitar a memoria dos primeiros descobridores, porque são elles tambem os que melhor comprehendem a immensidade do seu arrojo e da sua audacia. Hoje um paquete, construido em magnificas condições, provido de meios de locomoção que o tornam independente do vento e que o armam de um energico poder contra a vaga, commandado por um capitão que estudou a fundo todos os elementos constitutivos da sciencia nautica, levada ao auge da perfeição pelo immenso desenvolvimento de todas as sciencias correlativas, tendo a bordo os melhores instrumentos, as cartas mais minuciosas onde estão indicados todos os contornos da costa e a rede submarina dos escolhos invisiveis, os roteiros que encerram todas as necessarias indicações, tendo pharoes que lhe servem de guia, oculos maravilhosos que mostram ainda a grande distancia os pontos a que o navio tem de se dirigir, um paquete n'estas con-

dições chega á entrada de uma barra, pára e não entra sem piloto. E no seculo xv uma caravela latina, guiada por um pobre mareante do Algarve, com poucos e imperfeitos instrumentos nauticos, entregue á mercê do vento e da vaga, entrava sem hesitar em todas as barras e em todos os portos desconhecidos, sem cartas nem roteiros, ignorando profundamente os perigos que teria de evitar. E ellas lá iam, as nobres caravelas! Atravessavam descuidosamente paragens semeadas de escolhos por onde hoje só passa o piloto de sonda em punho, com mil cautellas e receios. Ellas sim! Gonçalo Velho Cabral, nos mares perigosissimos dos Açores, ia dar comsigo nas Formigas, que são o terror de todos os navegantes. O seu piloto era por muitas vezes a tempestade, foi esse piloto sinistro que levou Pedro Alvares Cabral ás costas do Brasil, era elle que fazia com que Bartholomeu Dias dobrasse, sem o ver, o terrivel cabo da Boa Esperança. É claro que os naufragios infamavam frequentes vezes as costas descobertas. Embora! as caravellas lá iam, a Deus e á ventura, confiando no seu destino e no destino da patria, na sua estrella e na protecção da Providencia. Se faltarem os mantimentos, onde hão de ir procural-os? se faltar a agua onde fazer aguada? Deus o sabe. Quaes são as correntes que n'este sitio dominam? Á sua custa o virão a saber. Que recifes se erguem n'aquelle ponto onde referve a espuma? O naufragio o dirá. E era isto o que se repetia em todas as viagens, porque em todas as viagens os portuguezes iam rompendo para diante, sempre para diante, em busca do desconhecido.

Reflicta-se tambem que a todos os perigos bem reaes e bem verdadeiros de incognitos mares accresciam os perigos phantasticos, de mais poderosa influencia ainda no animo supersticioso dos marinheiros da meia edade. Na immensa extensão do Oceano aninhavam-se todas as lendas atterradoras. O mar Tenebroso, cujas ondas eram negras como breu, erguia-se para além do horisonte onde se atufava o sol. Essa era a lenda antiga, a lenda pagã transmittida de geração em geração, e que cerrára por muito tempo o Atlantico ás investigações mais ousadas. Quem n'elle entrava

perdia-se para sempre, quem se lhe aproximava, se conseguia fugir, voltava decrepito, tendo partido adolescente, e via com dôr profunda que essa viagem, que suppozera ter durado apenas dias, durára larguissimos annos. A par d'isto surgiam as lendas christãs, as lendas celticas das ilhas mysteriosas, as ilhas dos castigos, verdadeiras succursaes do inferno, onde Judas chorava eternamente a sua traição infame, onde os condemnados, montados em cavallos de fogo, soltavam, n'um galopar incessante, gritos de desespero, onde outros choravam sem interrupção os seus peccados da terra. Vinham além d'isso as lendas arabes, que teem o caracteristico especial das estatuas encantadas. Em certos pontos do Oceano levantavam-se estatuas silenciosas, que ordenavam com o gesto ao ousado mortal que d'ellas se aproximasse que não seguisse mais avante. Guardas dos mundos defezos á curiosidade humana, gelavam de subito pavor quem as visse de repente surgir entre as vagas ensanguentadas pelo sol poente, no sinistro isolamento do Oceano. Camões, cujo merito é sobretudo o de ter creado em épocas rhetoricas e de classicismo uma epopéa nacional, quer dizer, uma d'estas epopéas que são geralmente o fructo da inspiração collectiva de um povo, e não o producto da phantasia de um homem, Camões que resumiu em si, por maravilhosa assimilação, as crenças, os sentimentos, as aspirações do povo cuja gloria cantou, parece ter-se inspirado na lenda das estatuas, para crear, dando-lhe vida e voz eloquente, o ultimo guarda do Oceano, o vulto de Adamastor. Essas estatuas encantadas, que a timidez dos antigos navegadores erguera nos limites do pelago que não ousavam transpor, foram recuando sempre e sempre diante da audacia portugueza. Erguiam-se no Bojador, mas refugiram diante do olhar intrepido de Gil Eannes, foram postar-se mais além e a prôa ousada das nossas caravelas de novo as desalojou. Consubstanciaram-se n'uma figura gigante, que recuou até ao extremo da Africa, ali envolveu-se nas pregas doidejantes de um veo de tempestades, levantou em torno de si o concerto horrisono das vagas, chamou-se Tormentorio, e surgiu como phantastica visão diante de Bartholomeu Dias, que passava na sua

caravela batida pelos vendavaes. Não desmaiou diante do vulto procelloso o intrepido navegador. Era o ultimo esforço, a ultima resistencia das trevas e dos sonhos phantasticos que n'ellas se geram, dos dragões e chimeras, de todos os monstruosos filhos da ignorancia e da noite. Estava quebrado o encanto. Desfez-se o Tormentorio, como o ultimo sonho do mar Tenebroso do Occidente, e em seu logar surgiu o Cabo da Boa Esperança, a porta luminosa do Oceano oriental.

De todos esses pavores da meia edade, de todas essas visões phantasticas, de todos esses monstros informes, d'essas vagas negras e alterosas, d'essas estatuas de bronze com inscripções em lingua ignota, de todo esse cortejo de espectros que faziam descórar os mais intrepidos cavalleiros, ficou apenas a synthese poetica no vulto de Adamastor, em quanto a mim, a creação mais sublime da epopéa moderna, porque tem a potencia genial das creações da imaginação popular nas grandes épocas de elaboração poetica, porque se creou na phantasia do vate pelo mesmo processo porque se crearam na phantasia dos povos os vultos admiraveis das velhas religiões. Adamastor não é uma allegoria, é um mytho; não pertence á rhetorica, pertence ao symbolismo, tão admiravelmente explicado por Kreutzer e Guiguiant.

Outros perigos havia ainda não menos imaginarios, posto que não pertencessem ao dominio do maravilhoso, mas cuja idéa assombrava egualmente o espirito dos marinheiros. Eram os que resultavam das falsas idéas geographicas, espalhadas na Europa com relação aos paizes para o sul do Bojador. Dizia-se que a terra ahi era completamente esteril sem agua nem verdura, que o mar era tão baixo que a uma legua da praia não tinha de fundo mais que uma braça, e que eram tão fortes as correntes, que o navio que entrasse na sua zona de attracção nunca mais poderia tornar. Por tudo isso largos annos se detiveram os portuguezes sem ousar aproximar-se do temivel cabo. Zarco arribara á ilha de Porto Santo d'onde passava depois para a Madeira, o infante empregava todos os meios para que os mestres das suas caravelas fizessem mais

do que dobrar o cabo Não, o que já era ainda assim grande façanha para esse tempo, em que um proverbio dizia: «Quem passar o cabo de Não ou voltará ou não.»

Houve emfim quem se decidisse a romper o encanto, foi Gil Eannes. Esse primeiro emprehendimento, que hoje tão simples se affigura, era na realidade de uma audacia inconcebivel. Imaginae, senhores, essa caravela que primeiro se decide a entrar no desconhecido. O espirito dos rudes marinheiros vae povoado de todos os supersticiosos terrores, que as lendas dos serões de prôa lhes incutiram. A cada instante julgam ver surgir as estatuas mysteriosas. Singulares coincidencias conspiram para que os seus terrores vão crescendo de hora a hora. O vento em certas occasiões, dizem os roteiros da Africa occidental, deita ao mar tanta areia trazida do deserto, que a superficie das vagas chega a tomar uma consistencia gelatinosa e uma côr avermelhada. Notam pois os marinheiros que a vaga parece ir tomando outro aspecto e outra côr. A pouca distancia do celebre promontorio, a velocidade da corrente augmenta, e sendo até ahi de uma milha passa a ser de milha e um quarto. Começava a justificar-se d'esse modo a tradição das correntes impetuosas que arrastavam invencivelmente os navios. Quando, sulcando as ondas menos liquidas e menos limpidas do que as da costa de Portugal, sentindo o navio levado com mais velocidade pela corrente mais forte, ouvissem os nossos marinheiros ao longe rugir o Oceano a quebrar com impeto nas rochas do promontorio, era necessaria a Gil Eanes uma força de vontade quasi sobrenatural, uma tempera de alma bem rija, para conseguir dominar os terrores supersticiosos que endoidam os mais valentes, e para forçar a companha a seguir no rumo que parecia dever conduzil-os a inevitavel perdição. E seguiram, e poderam montar o cabo celebre, sem ver estatuas, nem ondas negras, nem mar fugindo das praias, nem costas onde não viçasse flor nem verdura, e poderam dizer que tinham aberto as portas da navegação ao mundo, á sua patria as da gloria e as do poderio, e a si proprios as portas da immortalidade.

Foi em 1433 que se realisou o grande feito, d'ahi por diante não param nem um instante na sua tarefa os navegadores portuguezes. Elles e só elles vão descobrindo a Africa toda até chegar ás paragens da Africa oriental já conhecidas dos antigos. A fórma d'essa vasta peninsula, hoje mudada em ilha immensa pela abertura do canal de Suez, póde ser emfim conhecida e desenhada nos mappas. A geographia desenvolve-se com rapidez assombrosa. O que ella era antes dos nossos descobrimentos, disse-o de um modo brilhante, e com rara erudição, o illustre academico que me precedeu n'este logar. Não o repetirei eu agora.

Não vos enfadarei tambem, senhores, com a minuciosa relação das descobertas dos portuguezes. O sulco de espuma das nossas caravelas traça ao longo da costa africana uma linha tão perfeitamente parallela, que se póde dizer um d'estes traços que nas cartas geographicas indicam ao longo das sinuosidades dos continentes as vagas do mar que os banha. Ás vezes uma barca, abandonando a navegação costeira, ia audaciosamente abordar a ponto muito distante d'aquelle que fôra ultimamente descoberto, mas logo nos annos immediatos outros navios vinham explorar cuidadosamente a costa intermedia, de fórma que, se a deslealdade dos cartographos estrangeiros não tivesse apagado muitas vezes os nomes impostos pelos descobridores, a nomenclatura geographica da costa africana seria exclusivamente um vocabulario portuguez.

Em dez annos Gil Eannes, Baldaya, Nuno Tristão, e Antão Gonçalves descobriam toda a costa do Sahará; Diniz Dias, Lançarote, Alvaro Fernandes eram os principaes descobridores da Senegambia, explorada por Cadamosto; Antonio de Nolla e Diogo Gomes que descobria tambem as ilhas de Cabo Verde, Pedro de Cintra, Fernão Gomes, Diogo Cão, Bartholomeu Dias são os principaes descobridores do resto da costa africana até já para além do Cabo da Boa Esperança. A viagem de Vasco da Gama completa na costa oriental o conhecimento do littoral da Africa.

As ilhas que semeiam aquelles mares tambem são todas

descobertas por portuguezes, desde a Madeira até Madagascar. A Madeira, ainda que se dê como assente que Zarco só a encontrou depois de ter sido conhecida anteriormente, sempre a marinheiros portuguezes deve o seu primeiro descobrimento, porque a expedição portugueza no tempo de Affonso IV attribue Major, com solidos fundamentos, tanto a descoberta da Madeira como a das Canarias. O archipelago de Cabo Verde foi descoberto por Diogo Gomes, o grupo de S. Thomé e Principe pelos exploradores da costa de Guiné, Santa Helena e Ascensão por João da Nova, por Tristão da Cunha e outros navegadores da carreira da India as ilhas hoje chamadas Bourbon, Mauricia e Madagascar. Quando o imperio dos mares passou das nossas mãos para outras, n'aquellas aguas já nada havia por descobrir.

Mas a palavra «descobrir», no mundo moderno, tem uma significação bastante ampla, e nem a todos os que navegam e encontram novas terras é licito tomar esse grande nome de descobridor. Descobridor é o que conquista para a sciencia, debaixo dos seus principaes pontos de vista, um novo paiz, uma nova região. Descobridor é o que tem um fito scientifico, descobridor é o que constitue verdadeiramente a vanguarda do exercito da civilisação, o que lhe abre o caminho, o que lhe traça os novos itinerarios. Aquelle José Alves, aquelle preto portuguez, de que nos falla Cameron, percorreu de certo muito mais territorios no sertão do que o auctor do *Across Africa;* mas Cameron é que é o descobridor, porque só elle adquire esses territorios para a sciencia, só elle os estuda, marca o seu lugar na carta do globo. Seria assim tambem que os nossos antepassados comprehenderam a sua missão? Vamos vel-o.

Ha muito quem negue aos nossos descobridores o espirito scientifico, e, o que é mais triste, é que entre os que o negam avultem em grande parte os nossos compatriotas. Em portuguez publicou um estrangeiro, um russo, o sr. Platão Lvovitch Vakcel, um livro, em que nega o espirito scientifico ás viagens portuguezas, e entre nós não houve quem protestasse contra semelhante absurdo.

Se negamos aos nossos antepassados o espirito scientifico, é quasi sempre porque não temos a paciencia de decifrar o seu estylo, tão diverso do nosso, e de comprehender que cada época tem a sua linguagem e a sua technologia propria, e que a ausencia dos nomes de raizes gregas não basta só por si para significar a falta da sciencia verdadeira. A technologia da nossa lingua no seculo XVI tem umas fórmas que nos parecem hoje pueris porque são desusadas. Quando se lê um livro de Garcia da Orta, por exemplo, depois de se ter lido um livro de qualquer physiologista ou therapeutico moderno, parece que deixámos as obras de um homem de sciencia para ir ler as locubrações de um curandeiro; mas essa estranheza de fórmas não impede que na realidade fosse Garcia da Orta o primeiro medico europeu que estudou o cholera-morbus, como sabiamente o demonstrou na conferencia internacional de Constantinopla um nosso eruditissimo compatriota, uma illustração da nossa academia, um homem cuja perda recentissima ainda hoje todos deploramos, Bernardino Antonio Gomes.

Por outro lado, vendo que o desejo de propagar a fé christã, era o principal motivo allegado pelo infante D. Henrique, para explicar os seus trabalhos e as navegações dos seus, imaginou-se que um espirito estreito de devoção e de fanatismo é que presidia ao acabamento d'essas acções heroicas. Novo engano! É certo que esse foi sempre um dos motivos das nossas expedições, e principalmente um dos motivos que mais se allegavam, porque aos olhos do publico d'esses tempos era o que mais as justificava, mas tambem não teem sido muitas, em todas as épocas, as viagens emprehendidas exclusivamente com intuitos scientificos. O proprio Livingstone foi levado ao interior da Africa mais pelo zelo de missionario e de abolicionista, do que pelo desejo de alargar o campo da sciencia. Outros exploram scientificamente os sertões africanos, mas o motivo principal que lá os leva é o de abrir saida ao commercio inglez. O estabelecimento de Livingstonia, que tão brilhantes resultados póde ainda dar á sciencia, foi fundado por uma sociedade religiosa. A propaganda religiosa ou humanitaria, os interesses

commerciaes e os estimulos da sciencia são hoje os motores principaes das explorações africanas, o desejo de alargar o campo da sciencia, de desenvolver o commercio portuguez, e de propagar a fé, eis tambem os estimulos das empresas de D. Henrique. A differença entre ellas e as modernas póde-se dizer pois que é absolutamente nulla.

Mas que o amor da sciencia era o que dominava sobretudo no espirito esclarecido do infante D. Henrique mostra-se, entre outras muitas coisas, por um facto curioso que Azurara refere. Conta elle que n'uma das viagens em que de Portugal sairam de conserva muitas caravelas, cujos capitães iam tratar de commercio nos pontos já descobertos pelos portuguezes, ia uma commandada por um dos nossos mais celebres navegadores, o descobridor da Serra Leôa, Alvaro Fernandes, sobrinho de João Gonçalves Zarco. Ordenara este a seu sobrinho que não fizesse caso do ganho, mas que fosse sempre ávante, a fim de poder trazer alguma noticia que interessasse o principe. D'aqui se vê que todos esses navegrntes sabiam que, para agradar ao infante D. Henrique, deviam sobretudo procurar fazer novos descobrimentos, e que muito mais lhe aprazia ter noticia de novas terras do que receber o quinto da mais rica presa. Alvaro Fernandes obedeceu fielmente á ordem de seu tio, e passou para além da Serra Leôa. Por isso tambem á volta foi calorosamente felicitado, e largamente recompensado pelo infante.

Suppõe quem estuda superficialmente a historia portugueza, ou quem lê com enfado as chronicas sem perspicacia bastante para descobrir nos seus periodos, massudos muitas vezes, as informações preciosas que n'elles se encerram, que os portuguezes eram levados sobretudo pelo devoto desejo de encontrar esse monarcha mysterioso, que entre gentios professava o christianismo. Sem duvida era esse um dos principaes intuitos do infante D. Henrique, e a descoberta do Prestes João era uma das mais ardentes das suas curiosidades, mas note-se tambem que o problema do Prestes João e da situação do seu reino era um dos problemas da meia edade, que os

portuguezes procuravam resolver não só com a curiosidade devota, que não é de estranhar n'esse tempo, mas, e talvez principalmente, com a curiosidade scientifica. E não era esse o unico problema de geographia, cuja solução tinham a peito os nossos antepassados. Muitos outros os preoccupavam, e todos esses navegantes conheciam perfeitamente os dados da geographia antiga, e procuravam verifical-os. Esses homens, de nome quasi obscuro na historia universal, os Alvaros Fernandes, os Alvaros de Freitas, os Lançarotes não eram só pilotos felizes e audaciosos, eram os Burtons, os Livingstones, os Camerons do seu tempo. Vamos demonstral-o.

Dois grandes problemas preoccuparam ou preoccupam a sciencia geographica moderna, no que diz respeito á Africa: saber onde estão situadas as fontes do Nilo, e onde estão situadas as fontes do Zaire. As fontes do Nilo umas poucas de vezes teem sido dadas por descobertas, mas a cada instante novos lagos, novos rios que os alimentam, desnorteiam os exploradores. Quando se julga ter-se encontrado definitivamente a primeira origem do Nilo n'algum dos grandes lagos da Africa central, surge uma corrente nova, que é ainda um dos braços primordiaes do rio sagrado do Egypto. Pois bem! A edade média teve tambem o seu grande problema fluvial africano, e esse problema tambem se referia ao Nilo, que parece ter a sina de preoccupar constantemente os geographos de todas as épocas. O problema era o seguinte:

Os antigos suppunham que o Nilo nascia no monte Atlas, e que se dividia em dois braços, um para o oriente, outro para o occidente; aquelle ia fertilisar o Egypto, este atravessava o paiz dos negros. Encontrar o Nilo dos negros era uma das aspirações scientificas do infante D. Henrique, perfeitamente senhor de todos os conhecimentos geographicos do seu tempo, assim como encontrar as fontes do Nilo foi a grande aspiração no nosso seculo dos viajantes inglezes. Quando a numerosa expedição maritima, a que atraz me referi, chegou ao cabo Branco, Soeiro da Costa, um velho cavalleiro cujo espirito aventuroso se não regelava com os annos, quiz comtudo voltar para traz, já fatigado da longa viagem,

mas Gomes Pires declarou que por caso nenhum retrogradaria, sem poder levar ao infante noticias do *Nilo dos negros*. Dividiramse as opiniões, e, depois de larga discussão, dividiram-se tambem as caravelas. Algumas regressaram a Portugal, seis seguiram avante, e, quando chegaram ao Senegal, soltaram um grito de jubilo. Tinham resolvido o problema.

Effectivamente as noticias, que os negros davam a respeito do curso do rio Çanaga, concordavam de modo tal com a descripção dos geographos antigos, que os nossos navegadores acreditaram que estava encontrado o Nilo dos negros. Era um erro, uma conjectura falsa, mas que se ligava com o problema das fontes do Nilo, problema que ainda hoje não está completamente resolvido, e o que é mais curioso, é que a sciencia moderna está mostrando umas certas tendencias para rehabilitar o *Nilo dos negros*, transportando-o do Senegal para o Zaire. As fontes d'este ultimo rio começam a aproximar-se tanto, nas conjecturas dos viajantes inglezes, das fontes do Nilo, que a idéa de que o Nilo e o Zaire derivam conjunctamente dos grandes lagos da Africa central já não tem grandes visos de absurda.

Que differença se encontra por tanto entre o caracter das modernas expedições, tão apregoadas pelos estrangeiros, e o caracter das expedições portuguezas, tratadas desdenhosamente por estrangeiros e até por nacionaes como simples excursões audaciosas de piratas e de fanaticos? Procurava-se n'esse tempo chegar ao reino do Prestes João como hoje se procura chegar a Tombuctu; procurava-se o Nilo dos Negros, como hoje se procuram as fontes do Nilo e as do Zaire; procurava-se transplantar para os mappas os contornos reaes das costas africanas, como hoje se procura encher os mappas da Africa Central com as designações verdadeiras das suas montanhas, dos seus lagos e dos seus rios. D. Henrique incumbia os seus navegadores de lhe resolverem estes diversos problemas, como hoje a Real Sociedade Geographica de Londres incumbe os exploradores que subsidia de resolver os problemas restantes. A differença é que então os problemas eram in-

numeros, e os nossos navegadores atiravam a plenas mãos á Europa as soluções que encontravam. Desappareciam a um e um todos os erros da velha geographia. Suppozera-se que a zona torrida não era habitavel, e a chegada dos nossos navios á linha equatorial demonstrou o contrario; suppozera-se que a Africa ia alargando para o sul, e estendia o seu continente até ao polo antarctico, e Bartholomeu Dias, dobrando o Cabo da Boa Esperança, mostrou que era tudo exactamente o inverso, e emfim, como diz Azurara na sua linguagem ingenua: «o que se mostrava no mappamundi, quanto a esta costa, não era verdade porque o não pintavam senão á aventura; mas isto agora posto nas cartas foi coisa vista por olho; segundo lá tendes ouvido.»

E não é só de estudos geographicos que se occupam os navegadores portuguezes, é tambem de estudos botanicos, de estudos zoologicos, de estudos ethnographicos. É n'este ponto precioso documento a chronica de Azurara. Composta exclusivamente sobre os relatorios escriptos ou oraes dos descobridores, transporta fielmente para o papel as noções que elles lhe davam. Não tinha outra fonte de informações, não podia enfeitar a sua narrativa com os seus conhecimentos de erudito, porque os livros dos antigos nada lhe podiam dizer ácerca da flora e da fauna de paizes que elles desconheciam. Por tanto a narrativa de Azurara é o fiel transumpto das observações scientificas dos primeiros descobridores.

Ora muitos dos animaes e das plantas que os sabios depois descreveram minuciosamente, já teem a sua descripção na chronica de Azurara. Tal é por exemplo o gigante boabab descripto por Azurara tres seculos antes de Adamson. Basta ler as viagens de Cadamosto para se ver como os nossos navegadores se preoccupavam com o estudo não só da botanica e zoologia dos novos paizes que descobriam, mas tambem com o estudo dos costumes, das leis, das linguagens e das religiões d'esses povos desconhecidos. A minuciosa descripção feita por Luiz de Cadamosto do reino de Budomel demonstra-o sufficientemente, mas o facto mais notavel de dedicação pela causa da sciencia que se encontra na historia d'es-

ses descobrimentos, é seguramente a viagem de João Fernandes ao interior d'Africa.

As viagens de exploração scientifica, taes como hoje as executam os sabios estrangeiros, são iniciadas intrepidamente por este homem verdadeiramente heroico. Esta viagem, bem pouco conhecida, é seguramente uma das mais notaveis de que se póde gloriar a historia portugueza.

Em 1445, doze annos apenas depois da passagem do Bojador, Antão Gonçalves, Diogo Affonso e Gomes Pires, tres infatigaveis navegadores, fizeram uma viagem ao Rio do Ouro, já então descoberto. Acompanhava-os um homem chamado João Fernandes, que deliberou ficar sósinho na Africa, penetrar no interior, e estudar os costumes, as linguas dos povos d'essas regiões, a fim de informar depois a esse respeito o infante D. Henrique.

Não quero de modo algum ter em menos conta a admiravel intrepidez de Livingstone, que se internou sem hesitar no sertão africano, expondo-se aos maiores perigos, affrontando a furia das tribus selvagens que alli habitavam, mas tambem não posso deixar de notar que a resolução d'este portuguez do seculo xv é ainda mil vezes mais heroica. Desembarca em paizes considerados ainda doze annos antes como terras malditas de Deus, inhabitaveis, ou habitadas por monstros, penetra no interior d'essa região completamente ignota, onde os perigos que muitas vezes tem de correr são realçados pelo ardor do desconhecido. Livingstone é protegido, até onde podia chegar essa protecção, pelos delegados de todas as nações civilisadas e pelos chefes indigenas em quem esses delegados podiam ter alguma influencia, era protegido pelo prestigio do nome europeu, que n'este seculo já vae até ás regiões mais remotas e mais selvagens; João Fernandes não tem quem o proteja, avança ao desamparo, sem as minimas garantias, e joga sem a minima hesitação a sua existencia. Para affrontar sósinho perigos tanto mais temerosos, quanto mais desconhecidos eram, para ficar só n'uma terra em torno da qual fluctuava ainda o veo mal rasgado das temerosas lendas, para ir, confiado só na Providencia,

abandonando patria, amigos, aventurar-se em terras inhospitas, habitadas, pelo menos, como vira na costa por negros em estado selvagem; para se sacrificar tão completamente como o fez este nosso compatriota, é necessario possuir-se uma força d'alma não vulgar, é necessario ser-se da massa de que se fazem exactamente os Livingstone, que esses ao menos conquistam a immortalidade e a gloria, os nossos conquistaram quasi sempre o esquecimento do mundo e o desdem dos seus proprios compatriotas.

Em Portugal mesmo é muito mais conhecido o nome de Livingstone do que o do intrepido portuguez, que segundo a phrase de M. Eyriés na *Biographie Universelle* foi o primeiro europeu que penetrou no interior da Africa. A fortuna protegeu este audacioso. Viveu entre os azenegues, não só tolerado mas estimado até, a ponto de adquirir sobre elles grande influencia, que o infante D. Henrique depois aproveitou. Estudou a sua lingua, os seus costumes, a posição geographica do seu paiz, o commercio que faziam com os povos que habitam nas praias meridionaes do Mediterraneo. Depois, quando adquiriu sufficiente conhecimento das circumstancias do paiz que fôra estudar, tornou á costa e ahi esperou que apparecesse algum navio portuguez. Appareceu um emfim, que o trouxe á patria, onde elle narrou ao infante as observações que fizera, e que em geral concordam sempre com as dos viajantes que se lhe seguiram, a começar por Leão Africano que lhe é immediatamente posterior.

E o que levava João Fernandes a emprehender viagens tão perigosas? A devoção? Não, porque elle não ia missionar nem prégar o Evangelho. O interesse? Ainda menos; mais aproveitava negociando na costa, com o resgate do oiro e dos escravos. Então qual foi o seu motor? Foi perfeitamente o espirito scientifico, o desejo de ampliar os conhecimentos geographicos e de agradar ao infante D. Henrique, que tanto por esses conhecimentos se interessava.

Aqui se vê bem quanto é erronea a opinião dos que suppõem que as caravelas portuguezas navegavam ao acaso, com au-

dacia, mas sem direcção scientifica. Muito pelo contrario, essa direcção nunca lhes faltou. D. Henrique, no seu palacio de Sagres, rodeado de cartas, em conferencia com os seus cosmographos, estuda os problemas da geographia do seu tempo, encarrega os seus mareantes de lh'os resolverem. Encontrar o caminho de India pelo occidente, encontrar o Prestes João, encontrar o Nilo dos negros, eram os fins principaes de D. Henrique. Ao passo que as caravelas levavam ordem de proseguir sempre o mais ávante que podessem, ao passo que o infante, designava perfeitamente a Madeira e os Açores aos seus navegantes, enviava por outro lado homens como João Fernandes prolongar no interior as explorações portuguezas, não despresando d'essa fórma nenhum dos dados necessarios para se resolver o problema.

Depois da morte do infante D. Henrique, foi D. João II que lhe seguiu as tradições. Auxiliavam-n'o na direcção scientifica das viagens portuguezas os cosmographos que o cercavam. Em quanto Bartholomeu Dias dobrava o cabo da Boa Esperança e preparava o descobrimento do caminho da India, Pero da Covilhã e Affonso de Paiva, viajando por terra, ligavam os seus esforços com os dos navegantes, e dirigiam-n'os para o mesmo fim. Pero da Covilhã dizia a D. João II que as caravelas portuguezas deviam dar volta ao continente africano, e seguir depois para o norte, ao mesmo tempo que Bartholomeu Dias mostrava, com as suas descobertas, que era perfeitamente acertada a opinião de Pero da Covilhã. A regeição das propostas de Colombo, que muitos consideram como uma prova de ignorancia, demonstra pelo contrario a direcção scientifica impressa aos nossos descobrimentos. A junta de cosmographos regeitava as propostas do genovez, exactamente porque vinha alterar o plano geral das navegações portuguezas. Quando nós, cheios de enthusiasmo, sentiamos que estavamos proximos da India, appetecido termo das nossas explorações, vinha Colombo propor que se procurasse a India pelo occidente, vinha propor que se abandonassem trabalhos já quasi coroados de exito, para se seguir outro caminho completamente diverso. Porque é necessario que se re-

pare bem que Christovão Colombo não nos veiu offerecer um Novo Mundo, não nos veiu offerecer a America, veiu offerecer-nos um novo caminho para as Indias pelo occidente. Se os portuguezes navegassem ao acaso, tentariam de certo essa nova aventura, mas não acontecia assim, obedeciam a um plano, e esse plano não o iam sacrificar aos sonhos de um visionario de genio. E entre os dois caminhos propostos, não se sabe hoje que era muito mais vantajoso aquelle que nós seguiamos, do que o que vinha ser proposto? A America entrava nos calculos de Christovão Colombo? Não. Colombo tropeçou na America inesperadamente, quando demandava a Asia. A America não se previu, não a previam os cosmographos portuguezes, como Colombo a não previa. A Asia era a nossa aspiração commum. Podia exigir-se de nós que abandonassemos o rumo apontado pelo infante D. Henrique, para seguir um rumo completamente novo? De certo que não.

O caracter scientifico das nossas explorações fica para todos exuberantemente provado, desde que se reunam n'uma rapida synthese todas as partes da historia portugueza que digam respeito aos descobrimentos. Veremos então todos os nossos navegadores, empenhados na resolução dos problemas geographicos que preoccupam a edade média, resolução em que acima de tudo se empenha o infante D. Henrique, tanto que os que lhe querem agradar abandonam as preoccupações commerciaes, e tratam exclusivamente de descobertas; veremos João Fernandes desembarcar em paizes desconhecidos, e emprehender uma viagem n'esse sertão africano completamente ignorado, unica e exclusivamente com intuitos scientificos; veremos D. João II combinar as explorações por mar e por terra de fórma tal, que as observações de Pero da Covilhã auxiliem Bartholomeu Dias, e que os descobrimentos d'este sirvam para esclarecer o portuguez, que se aventura nas regiões da Abyssinia, ainda hoje bem pouco frequentadas por europeus; veremos ao lado do soberano um corpo consultivo, que se occupa exclusivamente de cosmographia, e que aproveita no aperfeiçoamento da nautica as observações dos nossos pilotos, assim como trata in-

cessantemente do aperfeiçoamento dos instrumentos astronomicos para auxiliar a navegação; a esses cosmographos, em cujo numero se encontra um estrangeiro, Martim de Behaim, portuguez adoptivo, se deve a applicação do astrolabio á nautica, outro d'esses homens tem um dos nomes mais illustres da sciencia europea — Pedro Nunes, o inventor do nonio; veremos que as preoccupações scientificas tanto predominam no espirito dos portuguezes que até sobrepujam as inspirações do fanatismo, fazendo com que se sentem ao lado uns dos outros, á meza das deliberações do conselho cosmographico, dois judeus, Rodrigo e José, e um bispo, Diogo de Calçadilha, bispo de Ceuta, e que o rabbi Abraham e o clerigo Affonso de Paiva sejam conjunctamente incumbidos por D. João II de procurar por terra o reino do Prestes João; veremos que as propostas de Colombo são regeitadas, exactamente porque se não navega á aventura, porque as nossas viagens teem uma direcção scientifica, e se repelle por tanto uma proposta que pretende imprimir-lhes uma direcção contraria, e na realidade injustificada, como os factos demonstraram; veremos emfim que Pedro Nunes na sua *Defensão da carta de marear* é o proprio que affirma, que não saía dos nossos portos um unico piloto que não tivesse largos conhecimentos astronomicos e não fosse munido dos melhores instrumentos do seu tempo; que a erudição dos nossos maritimos ainda se confirma com a confissão do italiano Ramusio de que foi um piloto portuguez o primeiro que na Europa decifrou o periplo de Hannon; finalmente que a Europa toda reconhece a nossa preeminencia scientifica, tanto que os geographos mais enthusiastas deixavam a sua terra para vir aqui residir, como fizeram Martim de Behaim, Christovão Colombo, Americo Vespucio, Sebastião Cabot e muitos mais, outros, como Torricelli, mantinham com Portugal incessante correspondencia, em que se encontra mais uma vez a prova do espirito scientifico dos nossos descobrimentos, porque vemos D. João II consultar o sabio italiano ácerca de diversos problemas de geographia; veremos emfim que somos nós os que exclusivamente damos á Europa informações ácerca de todos esses novos paizes,

de modo que, ao passo que actualmente os livros mais importantes da nossa litteratura jazem ignorados do estrangeiro no fundo das nossas bibliothecas, no seculo XVI os mais insignificantes livros portuguezes sobre assumptos do ultramar eram traduzidos com uma presteza prodigiosa. O livro de Francisco Alvares ácerca da Abyssinia, assim que appareceu, foi logo traduzido em francez, em hespanhol, em allemão e em italiano. O celebre livro *Navigationi e Viaggi* de Ramusio é quasi exclusivamente composto de relações portuguezas, algumas d'ellas traduzidas directamente do manuscripto original, e publicadas em italiano quando se conservavam ineditas em portuguez, o que prova a soffreguidão com que eram recebidas no estrangeiro as nossas informações a respeito de todos os paizes que o resto da Europa ignorava, e ácerca dos quaes só por nosso intermedio podiam obter as noções que constituiram, por muito tempo, o unico peculio scientifico da Europa em tudo o que se referia á Africa e á Asia.

Por mais de um seculo ainda assim aconteceu, porque, depois de termos chegado ao Indostão, depois de termos completado a exploração das costas africanas—e note-se que nunca abandonámos as preoccupações scientificas, porque ainda nos meiados do seculo XVI Lourenço Marques era incumbido de visitar minuciosamente a bahia a que deu o nome—depois da nossa marinha se occupar principalmente em empresas de guerra e de commercio, ainda uma nova phalange portugueza vinha heroicamente prestar os seus serviços á civilisação, ampliar os dominios da sciencia, explorar, na Africa, esse sertão, para onde se voltam as attenções da Europa, e percorrer as solidões trilhadas n'este seculo por Livingstone, como se esses orgulhosos inglezes, tão faceis em desdenhar glorias alheias, fossem condemnados a encontrar sempre adiante de si—no mar o sulco das quilhas dos nossos navios, na terra as pégadas das sandalias dos nossos missionarios. Proferi a palavra. Essa heroica phalange, a que acima alludi, era a phalange dos missionarios, e acima de todos, e adiante de todos, a dos missionarios jesuitas.

Senhores, eu não gosto dos jesuitas. Confesso que adopto em grande parte a seu respeito a opinião de Edgard Quinet, e que tambem estou convencido, como elle, que a decadencia dos povos catholicos do meio-dia, a paralysação que n'um momento dado se apoderou das tres nações que até ahi caminhavam na vanguarda do progresso—a Hespanha, a Italia e Portugal, é devida principalmente á sua influencia nefasta na nossa civilisação. Mas, quando sigo os passos dos seus missionarios na America, na Africa e na Asia, quando os vejo, heroes a um tempo da sciencia e da fé, martyres da civilisação e do christianismo, atravessar invios desertos, affrontar mil vezes a morte, não só para levar a todos os cantos do mundo a luz do Evangelho, mas tambem para ampliar o campo dos conhecimentos humanos, quando vejo o padre Goes atravessar toda a Asia Central, e ir por terra da India a Pekim, viagem que só tornou a ser feita pela primeira vez no seculo actual por dois tenentes russos, quando vejo o padre Antonio de Andrade penetrar no Thibet, expondo-se a mil perigos, e fazer conhecida da Europa essa região mysteriosa, quando vejo S. Francisco Xavier dar ao Oriente o exemplo de todas as virtudes christãs, quando vejo tantos missionarios jesuitas introduzir-se no Japão, revelal-o á Europa scientifica, ao passo que o tiveram quasi conquistado para o gremio do christianismo, quando vejo outros estabelecer-se na Abyssinia, fundar ali monumentos, que ainda hoje, diz o sr. Guilherme Lejean, attestam o seu poder e a sua actividade, e que parecem construidos com cimento romano, quando os vejo penetrar no mais denso das florestas do Brasil, amansar os indios mais selvagens, aldeial-os e civilisal-os, quando vejo que não ha quasi nem linguas orientaes, nem linguas dos indigenas brasileiros, cuja primeira grammatica e cujo primeiro diccionario conhecido na Europa não sejam devidos a jesuitas portuguezes, quando vejo nas suas *cartas annuas*, relatorios que elles enviavam dando conta das suas missões, o quanto mostravam ter estudado esmeradamente e conhecer a fundo as regiões que percorriam, o meu pensamento vacilla, abalam-se as minhas convicções, e pergunto a mim mesmo

que estranho mixto de bem e de mal, de luz e de sombra, é esta terrivel companhia, que póde produzir a um tempo martyres e algozes, os Franciscos Xavieres que prégam com o exemplo a humildade e a mansidão, e os Marianas que elevam o regicidio á altura de uma theoria, os mais nobres cultores da sciencia e os mais implacaveis inimigos da liberdade de pensamento, que é para a sciencia o unico ambiente respiravel.

Não é difficil de comprehender, parece-me, esta dupla face do instituto de Ignacio de Loyola. No seculo XVI o mundo christão atravessou uma grande crise. A razão humana emancipada revoltava-se contra a tyrannia do dogma, e reivindicava o direito do livre exame. A egreja, que adormecera na tranquilla posse do seu imperio sobre as almas, que se desleixara, que se paganisara, que deixara rindo a Rodrigo Borgia arrastar a tiara no tremedal de todas as devassidões, que ouvira com a indulgencia tranquilla dos que confiam plenamente na sua força os poetas satyricos vibrarem-lhe os mais sarcasticos epigrammas, que chegara emfim a esse ponto d'orgia e degradação em que se acceitam as injurias como se acceitariam elogios, em que nem o insulto se toma a serio, acordou de subito sobresaltada, quando a voz acre e severa de um monge allemão se ergueu, proclamando a revolta das consciencias e das almas. Veiu então, como era natural, a reacção extrema. O catholicismo tradicional procurou resistir ao livre exame, que avançava, audacioso e terrivel. Essa resistencia tomou duas fórmas: a reacção brutal e a reacção intelligente—a Inquisição e a Companhia de Jesus.

Ignacio de Loyola teve incontestavelmente uma concepção gigante. Percebeu que a civilisação já caminhara tanto, que a razão humana estava já tão conscia da sua força e tão ufana dos seus triumphos, que seria inevitavelmente esmagada a instituição que tentasse fazel-a retrogradar, ou obrigal-a á viva força a deter-se na sua carreira impetuosa. Em vez de se lhe oppor, julgou melhor dirigil-a. Vendo esse fino corcel soltar ao alegre sol da Renascença o seu jubiloso nitrir, sacudindo as crinas doidejan-

tes a todas as auras festivas, Ignacio de Loyola entendeu que, em vez de se lhe pôr diante, com grave risco de ser pisado debaixo das suas patas, valia muito mais domal-o o enfreial-o. O carro ovante da civilisação caminhava, prompto a esmagar todos os que procurassem sustel-o. Ignacio de Loyola nem o tentou; mas de subito, em pleno seculo XVI, em plena festa da razão, em plena festa das artes e da sciencia, em plena alegria, e em pleno esplendor, na Italia de Raphael, na Hespanha de Carlos V, no Portugal de Vasco da Gama, viu-se trepar á almofada do carro triumphal do Progresso, e tomar as redeas nas suas mãos energicas, um cocheiro mysterioso e sombrio. Era a Companhia de Jesus.

Então cessa tudo, o canto e o riso, o livre e alegre florejar da phantasia humana. Em todos os ramos da litteratura impõe-se ao pensamento a disciplina severa. Á comedia epigrammatica, abundante em chistes, expressão palpitante da vida nacional, succedem os autos sacramentaes em que o mysticismo lugubre campeia, ou as tragicomedias onde a allegoria frigidissima goteja em cada scena o tedio e o fastio. A philosophia catholica do sul não ousa entrar no caminho que lhe abrem ao norte os genios iniciadores de Descartes e de Bacon, e fica paralysada nas regiões estereis da escholastica. A poesia, vendo cortadas as azas do seu estro, compensa com o frivolo desregramento de palavra, que se chamou *gongorismo*, a liberdade que não póde ter no mundo das idéas, como no nosso tempo a musa theatral franceza se vingou com o desregramento licencioso do genero offenbachiano dos obstaculos que lhe oppunha a censura, quando tentava discutir livremente as grandes questões que preoccupam o espirito da humanidade. A historia mutilada, sujeita a um regimen implacavel, privada de toda a liberdade philosophica, segue o caminho frivolo, em que liga as fabulas genealogicas dos tempos primordiaes das nações com os cortezãos panegyricos dos reis, e com todas as superstições de um catholicismo estreito. O jesuitismo está, nos paizes meridionaes, senhor da educação. Em Portugal, apesar de exercer na universidade de Coimbra uma influencia preponderante,

funda uma univversidade que é exclusivamente sua—a universidade de Evora. Tem nas suas mãos os espiritos e as consciencias. Não oppõe diques infructiferos ao rio impetuoso da civilisação, mas canalisa-o. Não impõe silencio ao estro que anceia por cantar as tristezas e as aspirações da humanidade, mas obriga-o a ser cantor da Capella Sixtina. Não supprime, regulamenta. Não prohibe, disciplina. Não faz as trevas, mas a cada manifestação do espirito humano dá por medida o ar e a luz. Longe de combater a instrucção, longe de amaldiçoar a typographia, desenvolve aquella e aproveita esta, mas a instrucção que dá é a sua, as edições que publica são edições expurgadas. A civilisação que elles formulam é uma civilisação *ad usum Delphini*. O mundo caminha, e elles levam-n'o pela senda do progresso, mas levam-n'o arregimentado e unido. Por isso a sua litteratura, a sua sciencia, são descóradas, sem vida, plantas de estufa que nunca respiraram as livres auras, que nunca viram senão o sol coado pelos vidros baços das universidades jesuiticas. O mundo, como elles o sonham, seria apenas um Paraguay immenso, ou um exercito prussiano, admiravelmente instruido, mas não fazendo um movimento, nem dando um passo, sem a ordem, sem a iniciativa do estado maior, d'esse cerebro pensante do mundo inteiro, que, segundo o ideal de Ignacio de Loyola, seria unica e exclusivamente a Companhia de Jesus. Por isso tambem no seculo XVII e XVIII a Europa catholica e monarchica não deixa de caminhar, mas caminha como uma locomotiva por um tunnel, na meia luz das lampadas, pelo carril implacavel, sem iniciativa propria, guiada pela mão do machinista. Não se ouve senão o estridor metallico de todo esse machinismo complicado, ferro e aço, que dá o movimento e o impulso, de quando em quando o silvo agudo do vapor que se espalha nos ares, e que parece um longo e lugubre gemido, protesto isolado da consciencia contra a compressão que a esmaga, não se vê senão o relampago vermelho, reflexo das fogueiras inquisitoriaes com que se puniam os rebeldes. Nem uma voz humana n'esse concerto lugubre, nem um raio de luz do ceo n'essa penumbra si-

nistra. E para que a humanidade recupere a posse de si mesma, para que vôe nos livres espaços, á luz do sol dos vivos, é necessaria a catastrophe tremenda, é necessario esse descarrilamento enorme que se chama Revolução.

Senhores, para se realisar comtudo este projecto gigante e sinistro de impor um freio ao pensamento humano, e de o dirigir por um certo e determinado caminho, para que uma sociedade consiga submetter ao seu jugo todos os espiritos, para que adquira a preponderancia que a ha de collocar na frente de todas as manifestações da intelligencia, desalojando da instrucção as outras ordens religiosas, entrando em conflicto muitas vezes com a outra fórma da reacção catholica—o Santo Officio, tendo de vencer as resistencias dos reis e dos povos que, embora profundamente devotos, se assustavam com o espirito invasor da nova sociedade, era necessario que esta se compozesse de homens verdadeiramente superiores, era necessario que fossem espiritos de uma tempera bem rija, illustrações bem provadas e bem incontestaveis. Eram-n'o sem duvida alguma. A grandeza da concepção attraía ao Instituto as intelligencias mais robustas dos paizes catholicos, a disciplina implacavel do «Directorium» dava ao seu espirito como que os musculos de aço que a gymnastica póde dar ao corpo de um acrobata, a organisação maravilhosa da sociedade imprimia uma unidade irresistivel a todos os esforços individuaes dos seus membros. O que elles conseguiram no mundo antigo, sabemol-o nós. O seu fim era impio e iniquo, a sua obra foi por tanto fatal e esterilisadora. Mas nos mundos novos não se tratava de enfreiar a civilisação, tratava-se de a crear primeiro para a regular depois. Todas as grandes qualidades que na Europa lhes deram o poder, que desejavam empregar na sua obra de reacção, deram-lhes na Africa, na Asia e na America um prestigio irresistivel, e um admiravel papel. Repetia-se nos mundos novos a scena que alguns seculos antes se passara na Europa. A obra de civilisação, que a Egreja emprehendeu na meia edade, emprehendeu-a depois na Renascença, nas terras de além mar, a Companhia de Jesus. O divorcio entre a razão e a

fé, entre o progresso e a egreja viria depois; no começo não tinha a civilisação agente mais efficaz do que era o missionario, como entre a torrente dos barbaros invasores no seculo v foram o monge e o bispo os representantes unicos da civilisação e da sciencia. Por isso aquelles homens, de larguissima instrucção, e absolutamente dedicados á causa que defendiam, viajantes intrepidos porque lhes era indifferente o martyrio, exploradores scientificos porque precisavam de manter na Europa o primado intellectual que era a sua força e a sua arma, e precisavam de adquirir na Asia o conhecimento das linguas, das leis e dos costumes, sem o qual seria impossivel dominar e guiar aquellas populações ignorantes, não recuando diante dos mais tediosos estudos, porque deviam lembrar-se de uma das divisas da sua ordem, *patiens quia æternus*, os jesuitas portuguezes teem direito incontestavel a um dos papeis mais gloriosos na historia das explorações geographicas, e especialmente das explorações africanas, que n'este momento mais directamente nos interessam. As collecções das cartas dos nossos missionarios, publicadas em Roma, eram recebidas pelo mundo inteiro com a mesma soffreguidão com que o eram tempo antes as relações dos nossos pilotos publicadas nas *Navigationi* de Ramusio.

E como não seria assim? Na Abyssinia os jesuitas adquiriam influencia que nunca mais outros europeus lograram ter, para isso lidaram muito, consagraram a essas missões largos annos da sua vida, não fizeram como os modernos viajantes, anciosos de vir receber os applausos da Real Sociedade Geographica de Londres; iam para lá residir, aprendiam a lingua abyssinia, traduziam n'esse idioma as obras que julgavam proprias para actuar no espirito dos seus catechumenos; como tinham todas as aptidões — que assim o exigia a idéa fundamental do seu Instituto: dirigir e guiar todos os conhecimentos humanos — como eram medicos, astronomos e architectos, — e se tornavam por tanto uteis e indispensaveis, dentro em pouco tempo não havia difficuldades para elles, e é por isso que já nos fins do seculo xvi tinham conhecimento

d'esses lagos, cuja descoberta foi considerada como uma das glorias de Livingstone, e que figuram nos mappas portuguezes d'esse tempo, como a descripção d'elles e do papel que desempenham com relação ao Nilo figura no livro de Pigaffeta, que declara ter obtido essas informações do portuguez Duarte Lopes.

Quando o espirito absorvente dos jesuitas começou a preoccupar os soberanos dos paizes onde a Companhia por tanto tempo exercera indisputavel influencia, quando o *négus* da Abyssinia e o *tai-koun* do Japão os expulsaram dos seus territorios, quando começou a affrouxar o ardor dos missionarios, e quando os nossos navegadores deixaram de se preoccupar com explorações ou descobrimentos, principiámos, é certo, a desempenhar um papel muito secundario na historia geographica; mas a exploração africana deveu sempre ao nosso governo um certo cuidado e uma certa attenção. O problema, que mais nos preoccupou no seculo passado e n'este, foi a communicação entre as duas costas africanas. Muitos portuguezes emprehenderam e realisaram a viagem entre a costa occidental e a costa oriental, com que tanto se gloriam o dr. Livingstone e o tenente Cameron. Mas infelizmente agora é que já faltava o espirito scientifico. Só uma foi em condições de se poder anticipar perfeitamente ás recentes explorações inglezas, foi a do dr. Lacerda e Almeida, brasileiro disctintissimo. Infelizmente esse erudito engenheiro, homem de alto valor e de incontestavel competencia, falleceu muito antes de chegar ao termo da viagem.

Hoje um sentimento de justa emulação, inspirado pelos esforços com que todos os povos procuram completar os descobrimentos africanos, chama-nos de novo a esse campo tão gloriosamente percorrido pelos nossos antepassados. Cumpre-nos sustentar tradições que são as mais nobres do nosso paiz, cumpre-nos mostrar que somos ainda nós os europeus que mais facilidade encontramos para percorrer o sertão africano, e que, desde o momento que sacudamos o quasi invencivel torpor que nos tem paralysado ultimamente, desde o momento que tornemos a encontrar umas scentelhas d'aquelle fogo sagrado que nos animou outr'ora, ainda

somos nós os que havemos de formar, no interior do continente africano, a gloriosa vanguarda do exercito da civilisação.

Esse posto de honra pertence-nos *par droit de naissance*, é necessario que nos pertença tambem *par droit de conquête*. Os negros ainda hoje, como fez ainda ha pouco o soberano de Dahomey, infligem innocentemente aos inglezes humilhações crueis, escrevendo-lhes em portuguez quando lhes querem communicar alguma coisa. É necessario que não esqueçam essa lingua que é hoje ainda para elles o idioma da civilisação. É necessario que se não desacostumem de ver a bandeira portugueza tremular na frente das que invadem, em peregrinação scientifica, essas remotas regiões. A lembrança das nossas glorias passadas não deve ser para nós uma Capua declamatoria, em que nos deixemos adormentar, mas será pelo contrario o mais nobre de todos os estimulos, porque, se ha morte desprezivel e humilhante, é a morte obscura de quem nasceu em berço glorioso; se ha papel tristissimo no mundo é o dos miseros herdeiros de um grande nome, e não conheço aviltamento maior que o d'aquelles que se ufanam ineptamente de ter herdado um nome illustre, na propria occasião em que o deixam entregue aos baldões de todas as ignominias.

Mas se é justo que nos não julguemos desobrigados de continuar a prestar á civilisação os serviços que ella reclama, é tambem justissimo que reivindiquemos, em toda a sua extensão, a gloria de iniciadores, gloria que nos compete. E que importancia immensa teve na historia do mundo essa iniciativa ousada! No seculo XV ha dois grandes factos que abrem com chave de oiro a historia moderna — o renascimento da cultura antiga, e o descobrimento de novas regiões. A esplendida civilisação da seculo XVI é a resultante d'estas duas correntes. Uma é representada pela Italia, a outra por Portugal. De um lado a Italia penetra, cheia de enthusiasmo, na morta cidade antiga, e traz á luz da vida as suas maravilhas e as reliquias da sua portentosa civilisação; resuscita nos codices da edade média a apagada poesia dos Pindaros e dos Ovidios; munida da chave indispensavel do estudo do grego abre

os thesouros occultos da poesia e da erudição hellenica; escuta com enlevo os sonhos de Platão; ensina aos seus artistas o segredo da harmonia dos contornos e da suavidade das linhas, que é o caracteristico especial da pura belleza antiga; desperta em todo o mundo o enthusiasmo pelo estudo; faz da cultura intellectual o mais nobre predicado do homem; restitue á razão humana os seus foros e privilegios; affugenta as tristezas e as macerações da meia edade; desfaz com o riso de Ariosto os sonhos de mysticismo e as phantasmagorias cavalheirescas; rehabilita o corpo, o trabalho e a vida, exilando para as sombras do passado a contemplação ascetica, e as lividas mortificações christãs; faz succeder ás «Danças da Morte» que desenrolam as suas lugubres choréas nas paredes dos Campos Santos os frescos de Raphael; abandona as cathedraes gothicas e sombrias cujas abobadas gotejam a fé e a tristeza, e ergue o luminoso templo de S. Pedro onde livremente circula o ar transparente e puro, e o claro explendor do sol; troca a personalisação artistica do Dante cuja pallida musa dolorida canta, como um orgão de cathedral, as lugubres inspirações da selva oscura pela personalisação exuberante de Miguel Angelo cortando em pleno marmore, em plena vida, em plena luz, as suas estatuas, os seus sonetos, e os seus quadros; e, ligando emfim n'uma trilogia ovante o seculo de Leão x aos seculos de Pericles e de Augusto, ensombra com a cruz do christianismo a velha Roma resurgida; junta nos seus vastos templos ás naves catholicas as columnatas do Parthénon; faz do Vaticano dos Medicis o Capitolio triumphal da arte e da sciencia; e christianisando o paganismo ridente da Grecia, concentra n'um feixe de luz as irradiações do mundo antigo, para juntar assim ao clarão da aurora dos novos tempos o oiro e purpuras dos sóes poentes, os reflexos esplendidos das velhas civilisações.

Mas do outro lado Portugal, debruçado sobre o Oceano que lhe banha as praias, faz surgir da sua espuma, como outras tantas Venus Aphrodytas, as regiões equatoriaes cheias de canticos, de perfumes e de verdura; dissipa os sonhos lugubres da edade

média para lhes substituir a radiosa realidade: faz com que se evaporem as ondas negras do «mar tenebroso,» deixando em seu logar a vaga tropical resplandecente com o lume da ardentia; onde os antigos navegadores julgavam encontrar o inferno, mostra-lhes Portugal o ceo do Equador bordado com o matiz luminoso de novas constellações; affugenta os espectròs da noite diante da luz serena da sciencia; dá novos mundos á actividade humana; volta, com as naus de Vasco da Gama, ao berço radiante da humanidade pela estrada em que os antigos julgavam ver o tumulo da luz vivificante; ensina ás caravelas de Christovam Colombo como se affrontam as tempestades e se investe com o desconhecido; traça com Fernão de Magalhães, seu glorioso filho, ao mundo, em que se apagaram todos os mysterios, um cinto argenteo de espuma, e pondo nas mãos dos seus pilotos a bussola dos descobridores, na mão dos seus sacerdotes a cruz dos missionarios, vae sósinho, pelas amplidões do Oceano, envolto na sombra das procellas, e no horror dos naufragios, levar aos confins mais remotos do mundo esses dois agentes sublimes da civilisação moderna—o Evangelho e a Sciencia.

Foi este o nosso glorioso papel no drama da civilisação; apagal-o é mutilar a historia, é arrancar aos annaes da humanidade uma das suas paginas de oiro, é tornar incomprehensivel o Progresso, é tirar á Renascença o que constitue a sua originalidade, e a sua nova seiva, porque, se a Italia, soube evocar do tumulo o genio redivivo da antiguidade, Portugal, desprendendo-se da tradição, foi procurar em novos horisontes um novo elemento de progresso, e, como estes grandes factos tem sempre a sua expressão artistica, haveis de ouvir, senhores, entre o concerto erudito da Renascença uma nota estranha e selvagem que todas as criticas repellem, e que a todas se impõe, que todas estygmatisam como audaz violadora das regras, e que em todas as linguas do mundo vae encontrando eccos. N'esse canto sublime e estranho ouve-se o clamor das procellas e o estridor das batalhas, geme a saudade dos marinheiros, passa o vago perfume do Oriente, concentra-se